

Irllys Barreira

## Capítulo 6

# Bairros emblemáticos e espaço patrimonial urbano

As cidades evocam um sentido de totalidade. O próprio modo como são conformadas, segundo critérios de território, população e legislação, aponta uma visão de conjunto. Os bairros, na mesma perspectiva, são constituídos legalmente como partes integrantes dessa totalidade, ou «pedaços» que se agregam de forma mais ou menos orgânica ao conjunto da cidade. Há, no entanto, bairros que são configurados como emblema iconográfica de cidades, sendo reconhecidos como expressão da própria história do aglomerado urbano do qual fazem parte. O objetivo desta apresentação é pensar nos bairros enquanto representação emblemática do espaço urbano, verificando a presença de imaginários e práticas de intervenção presentes nas políticas de património e nos registros do turismo.

Uma reflexão sobre os bairros como espécies de metonímia da cidade parece sociologicamente relevante por várias razões. Seja pelo facto de abrigarem modos de patrimonialização associados a monumentos e usos culturais «históricos» do espaço, ou por mobilizarem e reatualizarem representações mais ou menos incorporadas por moradores, abrigando reflexões sobre o passado e o presente de cidades.

Os bairros como campo de pesquisa oferecem amplas possibilidades de olhar, remetendo ao contexto de práticas cotidianas, processos cívicos e investimentos patrimoniais. Pensar sobre as dinâmicas estruturais mais abrangentes, mediante o que poderia ser designado de «sociologia dos bairros», em vínculo com espaços microsociais, tem sido uma referência importante de análise em muitos textos de sociologia urbana (Costa 1999; Certeau 1994; Authier 2003). O bairro, como lugar significativo de práticas sociais, permitiria ultrapassar a lógica linear de certas generalizações, atentando para situações mais densas e contraditórias vivenciadas no cotidiano da cidade.

*Ciências Sociais Cruzadas entre Portugal e o Brasil*

Nessa perspectiva, bairros como Alfama em Lisboa, Praia de Iracema e Centro em Fortaleza são emblemáticos por instituírem uma espécie de metonímia da cidade. Associados a práticas de turismo, os referidos bairros incorporam investimentos governamentais, assim como representações sobre o passado das cidades e percepções sobre o futuro. As propostas chamadas de «requalificação», observadas em determinados bairros de Fortaleza como o Centro, a Praia de Iracema e Alfama, em Lisboa, conectadas a sentidos de memória e património, serão objeto de reflexão desta exposição.

A investigação que deu subsídio ao presente texto tomou como referência observações feitas nos locais pesquisados, entrevistas, notícias de jornais, catálogos e guias turísticos, incluindo enquête feita especificamente no bairro Alfama. Foi também registrada na pesquisa a existência de rituais como visitas de turistas e moradores afirmadores da importância do bairro enquanto espaço de significação histórica.

As observações sobre o cotidiano de Alfama foram realizadas principalmente no período de agosto de 2007 a março de 2008, incluindo entrevistas feitas com lideranças e ex-presidentes de juntas de freguesia, com antigos moradores e enquête aplicada a residentes de várias faixas etárias. Guias e roteiros turísticos impressos e operadores de agência que incluíam em seu percurso uma «visita a Alfama», forneceram subsídios interessantes para a compreensão de representações simbólicas baseadas na apresentação do bairro como expressão da história de Lisboa.

A investigação realizada no Centro e Praia de Iracema em Fortaleza incorporou entrevistas, notícias de jornais e observações das transformações dos bairros em momentos emblemáticos. Foram entrevistados arquitetos, presidentes de associações de moradores e representantes de funções públicas associadas ao património.

## O Bairro Centro em Fortaleza

Os centros das metrópoles são parecidos na tentativa de guardarem em si a história da cidade, evocando uma busca de manutenção de monumentos e espaços que se transformam. Aquilo que designamos como centro, antes de materializar-se em um lugar físico, constitui um espaço imaginado e passível de muitos discursos e idealizações. Confundindo-se com a ideia de espaço público, o sentido de «esvaziamento do centro» se robustece na crítica à «invasão» dessa localidade por vendedores ambulantes e outras formas de ocupação da área, consideradas diferenciadas de outros momentos de apogeu atribuídos ao passado.

*Bairros emblemáticos e espaço patrimonial urbano*

O centro de Fortaleza não foge a essa regra, trazendo, no entanto, a peculiaridade de transformações que suscitam discursos de preservação em contraponto às denúncias de «degradação» e perda de funções tradicionais de equipamentos e sítios históricos. A intervenção sobre espaços situados no centro da cidade, a reforma dos antigos prédios e a construção de áreas de lazer, ao lado de outras mudanças no contexto urbano, nomeadas de «requalificação», respondem a um processo que poderia ser designado como *gentrificação* presente em grande parte das metrópoles contemporâneas.

Debates acadêmicos e jornalísticos efetivam-se com intensidade a esse respeito e, longe da instituição de um consenso, as polêmicas recorrem a experiências vigentes em vários contextos urbanos nos quais entram em jogo possibilidades de garantia de inclusão social, investimentos privados e múltiplas formas de ativação desse espaço considerado representativo da memória cidadina.

Reflexões sobre os sentidos de património histórico em Fortaleza foram recuperadas à luz dos debates e propostas de «requalificação» envolvendo profissionais do urbanismo e gestores públicos. A ideia de que Fortaleza teria património histórico rico, mas desvalorizado, fundamentou-se na existência de locais como prédios, praças, museus e colégios que testemunhavam críticas sobre a «falta de consciência histórica da cidade».

Uma das propostas que vêm sendo discutidas em vários dos projetos concebidos para a «revitalização» do Centro de Fortaleza é a recuperação de moradias para as famílias de classe média. A criação de corredores criando passagens entre pontos importantes visa a valorização de equipamentos públicos, tais como a reforma do «Parque da Cidade» e sua ligação com a praça José de Alencar que abriga o teatro mais emblemático e histórico da cidade.

A ideia de «requalificação» prima pela valorização simbólica de áreas e equipamentos, instituindo narrativas que visam reforçar a função histórica de locais considerados representativos da cidade. Supõe, por outro lado, também novos investimentos imobiliários, tendo em vista atrair a presença da classe média. A cultura e o lazer nesse sentido atuam como suportes fundamentais de mudança e preservação. A valorização de um público indefinido, o que aflui à cidade em momentos episódicos (os turistas), passa também a contar na lógica das tentativas de intervenção, aproximando-se da concepção de um urbanismo destinado a uma população flutuante.

O centro de Fortaleza viveu diferentes momentos de intervenção. A reforma da praça do Ferreira considerada a área mais significativa do

*Ciências Sociais Cruzadas entre Portugal e o Brasil*

bairro, ocorrida em 1991, baseava-se na tentativa de manter a «história do local» sem abdicar dos novos usos. O projeto arquitetônico levou em consideração a reforma de monumentos e prédios, valorizando espaços alternativos de sociabilidade.

A remodelação do Centro de Fortaleza supunha também a recuperação do Parque da Cidade, a estruturação do Forte Nossa Senhora de Assunção e a transformação do cine São Luís em centro de negócios. A implementação de um metrô, Metrofor, a restauração de fachadas e a remoção da feira da Igreja da Sé constituem formas mais concretas de atuação que vêm sendo objeto de políticas urbanas baseadas na perspectiva de preservação do local com readaptação de novas funções. As intervenções e discussões sobre o Centro fizeram emergir atores e instituições – os «amigos do Centro» e a Secretaria Extraordinária do Centro que sugeriram: embelezamento, transportes, habitação e exploração turística.

As tentativas de valorização histórica do Centro supõem também eventos associados ao lazer que acontecem nos últimos anos. O Pré-Carnaval, animado por bandas que ocupam o bairro, as quadrilhas à época de São João e outros acontecimentos típicos funcionam como espécies de «invenção das tradições», no sentido emprestado por Hobsbawm (1984), contando com incentivos governamentais e a presença episódica mais significativa da classe média.

Outros eventos passam a assumir evidência: os passeios turísticos pelas ruas do Centro, os casamentos, as feijoadas animadas por músicas e tudo o que significa impedir que a cidade «se deteriore e perca sua identidade e visão da história». É notório no entanto observar que os eventos e as festividades têm um envolvimento restrito de frequentadores cotidianos, o que põe em questão a própria noção de sustentabilidade.

Concomitante à busca da denominada *revitalização* do Centro, a intervenção na zona litorânea da Praia de Iracema teve por objetivo representar a pretensão já histórica de ligação entre cidade e mar, associando atividades de cultura, consumo e lazer. É importante enfatizar o facto de que enquanto o centro de Fortaleza aposta em uma revitalização voltada para atração de uso pela classe média, o bairro Praia de Iracema aponta para uma estratégia mais voltada para o turismo.

## **Praia de Iracema: tensão entre o futuro e os arquivos do passado**

Desde a década de 1990, o bairro Praia de Iracema tornou-se palco de intervenções urbanas governamentais que envolviam investimentos as-

*Bairros emblemáticos e espaço patrimonial urbano*

sociados ao capital privado e poderes públicos, voltados para o incremento de «tradições históricas e culturais». A antiga zona de lazer e moradia passou a ser um espaço reconstruído, ou um lugar, na versão de Augé (1994), a partir do qual era possível apresentar e narrar Fortaleza, tornando-se um cartão-postal da cidade.

Discursos embaixadores de políticas de turismo apresentavam o bairro Praia de Iracema como um dos lugares propícios à implementação de reformas urbanas, devido à sua localização geográfica<sup>1</sup> e sua história permeada de representações simbólicas. A imagem de um bairro boémio, frequentado outrora por intelectuais e artistas, emprestou ao local uma condição de vanguarda que passou a interferir tanto no imaginário da população como nas políticas urbanas voltadas para aquela área. Parte significativa das representações estiveram portanto ancoradas em usos e apropriações espaciais que classificavam a Praia de Iracema como um lugar de lazer baseado sobretudo em atividades culturais.

A construção do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, em 1999, constituiu uma espécie de coroamento dessa forma de percepção do bairro, que reforçou a instituição de um espaço turístico baseado no binómio lazer e cultura (Gondim 2001; Bezerra 2009). Trata-se de uma estratégia mais ampla extensiva à cidade que previa também a recuperação de museus, a reforma de monumentos históricos e edificações, incluindo restaurações que integraram as políticas de património estadual e municipal no último decénio.

O projeto urbano associava remodelações que incluíam espaços de lazer e oferta de serviços, apropriando-se da fachada de antigos armazéns. Metaforizava a ideia de textos deslocados de sua origem e reconfigurados de acordo com os novos usos que materializavam as conexões espaciais e temporais típicas da pós-modernidade.

Seguindo esse modelo de intervenção urbana, as apropriações espaciais de cunho privado na Praia de Iracema foram voltadas ao consumo sob a forma de práticas de lazer, como bares, restaurantes, exposições culturais e discotecas ensejando a convivência entre moradores e visitantes. É possível, nesse sentido, falar de usos sem omitir as «lutas simbólicas» (Bourdieu 1989) dotadas de diferentes conflitos a respeito das apropriações espaciais. Moradores e comerciantes, além de frequentadores ocasionais, exprimiam um conflito entre usos e concepções de espaço.

---

<sup>1</sup> O bairro Praia de Iracema está situado entre as ruas João Cordeiro, Monsenhor Tabosa, Almirante Jaceguai, Almirante Tamandaré e a avenida Beira-Mar. Localizado junto ao mar, esse bairro é um dos menores da cidade de Fortaleza.

*Ciências Sociais Cruzadas entre Portugal e o Brasil*

A título de exemplo é importante informar que após as intervenções urbanas por parte do poder público, transformando a Praia de Iracema num lugar atrativo para residentes e turistas, os moradores do bairro foram obrigados a mudar as suas práticas quotidianas, facto que foi alvo de protestos. Além dos movimentos sociais e das denúncias nos meios de comunicação de massa sobre a presença de turismo sexual, os moradores da Praia de Iracema investiram em defesa de seu espaço por meio de processos judiciais contra alguns proprietários de bares e casas de *shows*.

As ocorrências vigentes na Praia de Iracema em Fortaleza apontam para a complexidade dos sentidos de «revitalização» e «requalificação» que integraram o vocabulário de gestores. Intervenções voltadas ao futuro indicam, mais recentemente, tentativas de emprestar ao bairro um turismo de massa baseado em grandes investimentos. A construção em andamento de um grande aquário, que tem por objetivo atrair um público amplo de visitantes, exprime essa forma de associar elementos de uma tradição local com outros modelos retirados de metrópoles contemporâneas.

## Alfama – os arquivos do passado de Lisboa

«Foi em Alfama que Lisboa começou», informa-nos o guia José Manuel, que lidera um ritual de apresentação de Lisboa feita no âmbito do programa *Lisbon Walks*, em passeio denominado «Cidade Antiga».

Alfama é tanto um ponto de chegada como um ponto de partida da população [João Constantino, ex-presidente da freguesia de Santo Estevão, entrevista concedida à autora, em 2-3-2008].

Se determinados bairros podem ser percebidos como lugares paradigmáticos funcionando como metonímias imprescindíveis à apresentação de cidades, certamente Alfama figura como um deles. Nessa condição, o bairro é considerado histórico, típico e representativo de uma totalidade urbana, sendo por isso um espaço por meio do qual se torna possível «ler» e compreender as origens de Lisboa.

Alfama é conhecida por demarcar, em suas edificações, momentos diferenciados de construção e resistência da capital portuguesa a invasões que antecederam ao próprio momento de fundação da cidade,<sup>2</sup> a exemplo da expulsão dos judeus da zona alta, desde o século XII.

<sup>2</sup> Alfama é considerada a zona mais antiga de Lisboa, sendo no século VII que os árabes se apoderaram do nativo Ponto Romano.

*Bairros emblemáticos e espaço patrimonial urbano*

Um processo permanente de «redescoberta» da história do bairro e da cidade de Lisboa pode ser percebido nas escavações lá realizadas, ocasionadas por reformas ou reabilitações recentes nas quais são evidenciadas, em restos de paredes e fundações, as marcas do passado. A praça do chariz, por exemplo, foi recentemente objeto de estudos históricos e geológicos, visando interpretar os vestígios arquitetónicos da antiga cerca que demarcava o espaço de entrada no bairro, identificada por conta de reformas realizadas no local.

Alfama é também, ao lado de outros espaços urbanos lisboenses, uma das expressões mais emblemáticas da «sociedade de bairro», apontando a diversidade cultural de Lisboa, com suas «identidades» variadas, dotadas de dinâmicas sociais específicas (Costa, 1999).<sup>3</sup>

Nas representações sociais mais correntes, incluindo as imagens difundidas pelos meios de comunicação de massa, o bairro também é mencionado por empreendimentos turísticos que o promovem como reduto de interações comunitárias e criatividade cultural associadas ao fado e às festas dos Santos Populares. A ideia de que Alfama precisa ser preservada, pois guarda em seu âmago relações genuínas de sociabilidade e sentimentos populares típicos de uma Lisboa provinciana, ao mesmo tempo em que conserva emblemas arquitetónicos da cultura moura, ensejou narrativas construídas por diversos interlocutores, muitas das quais já incorporadas pelos próprios moradores.

O livro de Araújo (1992), que integra a coleção «Peregrinações em Lisboa», constitui um exemplo interessante de registro da memória representativo de evocações ao carácter emblemático de localidades.

O livro teve sua estreia em 1940, e foi reeditado em 1993 na série «Conhecer Lisboa», que se propunha recuperar escritos sobre a cidade enfocando o papel de olisopógrafos. O autor realizou reportagens e conferências sobre a necessidade de preservação do património, contribuindo para intervenções urbanísticas e planos de saneamento na área. A obra evoca o tempo das deambulações em oposição ao mundo moderno.

Na perspectiva de valorização de recantos e bairros significativos de Lisboa, um dos volumes da série «Conhecer Lisboa» reporta-se a Alfama, «fora e dentro das suas muralhas antigas» com descrição que na visão do autor aproxima-se mais de uma crónica do que de um roteiro. A apresentação

<sup>3</sup> Uma das questões abordadas pelo autor refere-se ao excesso de visibilidade de Alfama. São vários os registros voltados para representações simbólicas do bairro provenientes do universo académico (geógrafos, historiadores, arquitetos, etnógrafos) e de guias urbanos, mapas, roteiros, cartazes e postais. Sobre as representações simbólicas do bairro ver também Cordeiro (2003).

*Ciências Sociais Cruzadas entre Portugal e o Brasil*

do bairro tem uma sequência que inclui a passagem por todos os recantos mais convencionais, nos quais são observados arcos, igrejas, torres e portas acompanhados de descrições, feitas a um pretense visitante mencionado em várias passagens do livro. A narrativa sobre Alfama prima pelo reforço à história, entendida por meio de factos que despertam curiosidades, elementos pitorescos e detalhes arquitetónicos, em oposição à «convencional beleza das avenidas». A descrição do local aparece como contraponto ou resistência a grandes avenidas que caracterizam a cidade em transformação. O bairro é apresentado também como um modo cotidiano de viver o espaço, conforme as palavras do autor: «Alfama não é apenas o excêntrico que atrai turistas vindos das soberbas metrópoles, ou os naturais, descidos, por desfastio, das alamedas do asfalto. Ela é um livro aberto, de estampas fortes ou delicadas, a um tempo deleitoso e revelador» (Araújo 1992, 8).

O tempo histórico apresentado na narrativa não segue uma sequência linear. Inclui o momento em que «Alfama era dos mouros», em 1147 e séculos posteriores que foram dando ao bairro sua marca da heterogeneidade. O terramoto é um dos elementos demarcadores da temporalidade em Alfama: o tempo da destruição e o da reconstrução. Há, portanto, na descrição de edificações inúmeras referências ao antes e ao depois da tragédia. Percebem-se, na cronologia das apresentações, alusões ao «tempo da conquista» e suas repercussões sobre a arquitetura e o traçado das ruas. A exposição dos equipamentos urbanos revela também os vários proprietários discriminados nominalmente, assim como as funções que as edificações vão adquirindo ao longo do tempo, sendo incluídas as intervenções da Câmara Municipal.

A narrativa de Alfama situa-se no contexto de apresentação de uma «história urbana» especial, circunstanciada na experiência de visitantes que, de algum modo, se insurgem contra a grandiosidade dos espaços imposta pelo traçado planejado das metrópoles. Aproxima-se a narrativa de Norberto Araújo de algumas estratégias de visita turística hoje vigentes em Lisboa, que valorizam o insólito e o pitoresco como elementos que suscitam curiosidade pública. A título de exemplo, pode constatar a presença de uma edição do livro de Norberto Araújo na estante da agência de turismo Lisbon Walker, situada em Alfama.

A narrativa articula também o monumental, o sagrado e o pitoresco existentes em Lisboa. Enfim, a narrativa de Norberto Araújo aponta Alfama como bairro histórico e conjunto patrimonial, havendo reforçado intervenções turísticas.

A investigação efetivada no bairro durante a pesquisa apontou transformações nos usos dos espaços, realçando a construção mais evidente



*Bairros emblemáticos e espaço patrimonial urbano*

da imagem turística indutora da opinião, entre os moradores mais antigos, de que «o bairro já não era o mesmo». A afirmação fundamentava-se no barulho, na presença mais evidente de moradores jovens, nas reformas de moradia e em tudo o que fazia emergir elementos de comparação entre passado e presente.

As opiniões de moradores sobre a presença de visitantes comportaram na enquete classificações e diferenciações entre aqueles «que não deixavam nada em troca» e os que «ajudavam a dinamizar o local». De todo o modo, a forte incidência cotidiana de turistas era algo assimilado com relativa naturalidade pelos moradores, muitos dos quais orgulhosos do prestígio que essa presença conferia à localidade.

Não obstante as queixas comuns referentes ao barulho, à frequência mais evidente de jovens e à insegurança existe, segundo informações da enquete, um nível de satisfação com o bairro. Muitos moradores associam a boa imagem do bairro pelo número de visitas a emprestar ao local credibilidade e eventual reforço às demandas de melhoria junto à Câmara Municipal. A amizade com os vizinhos foi também uma das razões alegadas para justificar o nível de satisfação com o local de moradia, contribuindo para redes de ajuda mútua e sociabilidades baseadas no fortalecimento de relações primárias.

A participação dos moradores nas festividades de Santo António, ocorrida durante o mês de junho, revelou-se bastante forte, efetivando-se de várias maneiras entre os interrogados. Na confeção de arranjos, no consumo especial de alimentos típicos à época, associados a pequenos comércios temporários de alimentação e nas atividades noturnas em festas e danças nas barracas. Na realidade, os moradores instituíam uma temporalidade de atividades desempenhadas durante os festejos de Santo António exercidas nas escolas infantis, nos arranjos e nas disposições espaciais do bairro.

A concorrência anual entre bairros pela representação de Lisboa incentivada pela Câmara, juntas de freguesia e sociedades de bairro vem tornando singular o momento das marchas populares, hoje parte do cartão de visita da cidade criando sentidos de unidade e pertença.

Antes da reconstrução física o bairro foi considerado merecedor de um tipo de intervenção urbanística visando a requalificação, sendo constituído um gabinete local que encaminhou a questão. A proposta de intervenção oriunda de movimento que preparou o documento<sup>4</sup> explicitou

<sup>4</sup> «Alfama: morte ou recuperação?», Associação dos Arquitectos Portugueses, secção Regional do Sul. *Jornal Arquitectos*, 3 (33-34): 9.

*Ciências Sociais Cruzadas entre Portugal e o Brasil*

a presença significativa dos meios de comunicação, envolvendo profissionais das áreas humanas e arquitetos interessados no destino do bairro, contando também com apoio da Câmara Municipal.

A reflexão sobre a defesa patrimonial de Alfama é um facto que se produziu por diferentes processos sociais. Desde 1980, havia um movimento de reabilitação do bairro, caracterizado inicialmente pela recuperação de antigas moradias ameaçadas de desmoronamento. A partir de 1990, o bairro conheceu um processo de dinamização cultural permeado de investimentos variados, transformando as marchas populares em um dos elementos importantes de afirmação da identidade, em disputa com outras pela representação da cidade de Lisboa. O bairro hoje apresenta mudanças no perfil dos moradores. As reformas de casas ameaçadas de desabamento, ou criação de casas de banho, a transformação de residências em pontos de comércio e locais para aluguer somam-se a um processo de *gentrificação* cujos efeitos podem ser observados pela presença de jovens estudantes<sup>5</sup> e novos moradores atraídos pelo estilo típico ou alternativo de morar em Lisboa.

## Centro, Praia de Iracema e Alfama: os bairros e seus apelos emblemáticos

Um bairro torna-se ícone da cidade na medida em que nele se concentram símbolos reveladores de uma história urbana. As apresentações feitas para o turismo, os materiais impressos e as representações sobre o local aparecem como elementos indicadores de uma totalidade.

Mostrar a cidade a outros e contar a sua história em passado e presente compõem uma lógica de apresentação que se agrega a múltiplas representações instituídas. É nesse sentido que se destaca uma espécie de «identidade múltipla da cidade». Conflitos entre zonas de pertença ou conflitos em torno da dimensão emblemática de espaços.

A Praia de Iracema e seus espaços adjacentes constituem uma expressão híbrida de mistura de temporalidades, vivências e formas de investimento. A tradição recuperada é inventada na tensão entre a cidade a ser apresentada e aquela a ser vivida: os múltiplos usos, os conflitos e os sentidos atribuídos ao património e à sociabilidade.

---

<sup>5</sup> Registra-se também que Alfama até ao século XVI foi também residência de jovens universitários. Ver Costa (1999).

*Bairros emblemáticos e espaço patrimonial urbano*

Processos urbanos recentes designados por *requalificação* e *deterioração* expressam a redefinição das políticas de preservação do património em confronto ou consonância com as práticas de múltiplos atores sociais: moradores, comerciantes, políticos e frequentadores. *Deterioração* e *requalificação* são palavras que anunciam a disputa simbólica entre definições e usos do espaço na cidade.

Pensar o centro como património evoca o sentido de passado e conservação. Supõe a urgência de cuidar de algo que precisa ser preservado e está em vias de extinção. Vários exemplos enquadram-se nesse risco: a eventual destruição de imóveis, a presença de atividades e usuários considerados indesejáveis, a transferência de estabelecimentos importantes de comércio para outras localidades, etc. Todas essas ações são percebidas como sintomas de «desvitalização» e ameaça ao património público. Sabe-se, no entanto, que bens materiais, ao longo do tempo, são passíveis de novos usos e é justamente a transformação de funções e as formas de ocupação que instigam o discurso da preservação. Nessa perspectiva é importante lembrar Lefebvre (2000) em sua reflexão sobre a cidade como «produto» transformado em mercadoria em oposição às relações associadas ao consumo e ao direito.

Parte significativa dos argumentos de profissionais do espaço urbano, assim como gestores públicos, baseia-se na existência de um potencial económico, cultural e comercial «pouco aproveitado» no centro de cidades, deixando por isso o espaço suscetível à deterioração e ao esvaziamento. Caminhando nessa direção, políticas de intervenção urbana vigentes na sociedade contemporânea elegem o centro de cidades como *locus* privilegiado de investimentos, sendo ele considerado representativo da memória e dos sentidos de totalidade perdidos por conta de processos de mudança.

De facto, desde o momento em que as cidades tornaram-se policêntricas, com redistribuição de funções comerciais e administrativas, acompanhadas de afastamento das classes mais favorecidas para zonas mais distantes, o antigo centro perdeu credibilidade e passou a abrigar formas de ocupação consideradas problemáticas. Projetos e intervenções voltadas para conter o «esvaziamento» ou regular formas indesejadas de ocupação passam a integrar a agenda de políticos e gestores.

O centro da cidade é também visto como lugar no qual se desenvolvem as funções básicas de negociação e troca entre os moradores. É a construção de outros polos de aglutinação de atividades que contribui para a difusão da ideia de «vazios», fazendo emergir a seguinte questão: São os centros vazios ou ocupados de forma considerada indesejável?

*Ciências Sociais Cruzadas entre Portugal e o Brasil*

Confundindo-se com um sentido de espaço público, o centro das cidades também torna latente o conflito de classes ou a contradição entre funções e modos de usar o ambiente. Baseado no sentido de esvaziamento do centro, na crítica à «invasão» dessa localidade por vendedores ambulantes e nas outras formas de ocupação desse espaço que as tentativas de intervenção, assim como os debates académicos e jornalísticos passam a se efetivar com intensidade. Camelôs, prostitutas e consumidores de drogas corporificam presenças «indesejáveis» consideradas símbolos da degradação.

O sentido de «requalificação», presente na maioria das intervenções urbanas, prima pela valorização simbólica de espaços, instituindo propostas de recuperação histórica de locais considerados representativos da cidade. Supõe também novos investimentos imobiliários, tendo em vista atrair a presença da classe média, instituindo a cultura e o lazer como suportes fundamentais de mudança e preservação. A valorização de um público indefinido, o que aflui à cidade em momentos episódicos (os turistas) passa também a contar na lógica das tentativas de intervenção, aproximando-se de um urbanismo destinado a uma população flutuante. «Produtos culturais, fabricados, empacotados e distribuídos para serem consumidos», tal como pensou Choay (2001, 211), referindo-se aos caminhos enfrentados pelas políticas de património.

A manutenção e a reativação de centros históricos trazem consigo uma disputa entre diferentes formas de valorização de capital simbólico, posto em sintonia ou em conflito com o capital económico. Assegurar a manutenção de moradores, reforçar a presença de classes mais abastadas, de modo a definir um padrão de consumo, ou investir sobre o incremento do turismo constituem desafios permanentes. A natureza dos investimentos associados a modos diferenciados de consumo também interfere na distribuição, classificação e usos do espaço. Experiências baseadas no reforço ao lazer e à cultura, aí incluindo cenários «históricos» de visitação, empreendimentos diretamente associados à presença de visitantes sazonais, episódicos ou permanentes, tem implicações sobre a sustentabilidade dos empreendimentos.

A unidade de Alfama é também feita de muitas diversidades. Na perspectiva de valorização do património histórico da cidade, o bairro lisboense figura como exemplo significativo de um processo de *requalificação* e reforma de seu espaço interno, sendo considerado um dos lugares privilegiados de empreendimentos culturais, visando preservá-lo e defendê-lo de especulações imobiliárias. Com esse objetivo, operadores de turismo, guias impressos e catálogos investem na construção da imagem

*Bairros emblemáticos e espaço patrimonial urbano*

de Alfama como relíquia a ser preservada. Alguns dos locais mais visitados contribuem para a reiteração do bairro como espaço turístico aliando a «oferta do típico com as formas globais de consumo (Canclini 1998). A situação atual do bairro reflete diferentes processos de transformação, aí sendo destacado o papel dos mediadores culturais na difusão da imagem da cidade e na recriação de lugares de consumo para moradores e visitantes.

Sentidos de memória, atribuições de *degradação* e *recuperação* constituem pontos interessantes para se pensar sobre a construção de narrativas de Alfama informadas por discursos múltiplos que associam temáticas provenientes de vários registros históricos.

Percebo também o bairro como campo de pesquisa que oferece amplas possibilidades ao olhar, configurando a necessidade de instituição de uma «sociologia dos bairros» que poderia se constituir em um observatório de investigação e análise. Considero que, não obstante a vigência de processos globais atuando como pano de fundo no âmbito dos registros sociológicos da cidade, torna-se importante retomar o contexto das práticas cotidianas reveladoras de sentidos e processos citadinos. Trata-se de pensar as dinâmicas estruturais mais abrangentes mediante o que poderia ser designado como «sociologia dos bairros», entendendo que, a partir de espaços microssociais, é possível examinar perspectivas globais da cidade.

Em síntese, as transformações atuais pelas quais passa a cidade na sociedade contemporânea provocam discursos alusivos a diferentes temporalidades, realçando a construção de bairros emblemáticos como espaço patrimonial.

## Bibliografia

- Araújo, Norberto de. 1992. *Peregrinações em Lisboa*. Lisboa: Fundação Cidade de Lisboa.
- Augé, Marc Augé. 1994. *Não Lugares, Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*. Campinas: Papyrus.
- Authier, Jean-Yves. 2003. «A gentrificação do bairro de Saint-Georges em Lyon: a convivência de mobilidades diferenciadas». In *De Volta à Cidade, dos Processos de Gentrificação a Políticas de «Revitalização» dos Centros Urbanos*, org. Catherine Bidou Zachariesen. São Paulo: Anna Blume. 121-133, 2003.
- Bezerra, Roselane. 2009. *O Bairro Praia de Iracema, entre o «Adeus» e a «Boemia», Usos e Abusos num Espaço Urbano*. Fortaleza: Laboratório de Estudos da Oralidade e Laboratório de estudos de Cultura e Política UFC.
- Bourdieu, Pierre. 1989. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- Canclini, Nestor Garcia. 1998. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp.

*Ciências Sociais Cruzadas entre Portugal e o Brasil*

- Certeau, Michel de. 1994. *A Invenção do Cotidiano, Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes.
- Choay, Françoise. 2001. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo, Editora Unesp.
- Cordeiro, Graça Índias. 2003. «Uma certa idéia de cidade: popular, bairrista, pitoresca». *Revista da Faculdade de Letras: Sociologia*, I (13): 185.
- Costa, Firmino da. 1999. *Sociedade de Bairro*. Celta: Oeiras.
- Dias, Marina Tavares. 1992. *Lisboa Desaparecida*, vol. 3. Lisboa: Quimera Editora.
- Gondim, Linda Maria Pontes. 2001. «Imagem da cidade ou imaginário socioespacial? Reflexões sobre as relações entre espaço, política e cultura, a propósito da Praia de Iracema». *Revista de Ciências Sociais*, 32 (1-2).
- Hobsbawm, Eric, e Terence Ranger. 1984. *A Invenção das Tradições*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Lefebvre, Henri. 2000. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos.